

ELE A ODEIA...
QUASE TANTO QUANTO A DESEJA

AMOR

e ódio

essência

Twisted Hate

ANA HUANG

 **essência**

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

ANA HUANG

AMOR

e ódio

Twisted Hate

ELE A ODEIA...
QUASE TANTO QUANTO A DESEJA

Tradução
Débora Isidoro

 **essência**

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Ana Huang, 2022
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024
Copyright de tradução © Débora Isidoro, 2024
Todos os direitos reservados.
Título original: *Twisted Hate*

Preparação: Angélica Andrade
Revisão: Tamiris Sene e Renato Ritto
Projeto gráfico e diagramação: Márcia Matos
Capa: E. James Designs/ Sourcebooks
Adaptação de capa: Emily Macedo
Imagens de capa: akirao/depositphotos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Huang, Ana
Amor e ódio / Ana Huang ; tradução de Débora Isidoro. - São Paulo : Planeta do Brasil, 2024.
464 p.

ISBN 978-85-422-2657-7
Título original: *Twisted Hate*

1. Ficção norte-americana I. Título II. Isidoro, Débora

24-1197

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana

Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo

2024
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar
01415-002 – Consolação – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Jules

NÃO DAVA PARA ESPERAR NADA DE BOM DEPOIS DE CURTIR A FOTO DE um cara segurando um peixe em um app de relacionamento. As *red flags* podem ser multiplicadas por dois se o nome desse cara for Todd.

Eu devia saber, mas estava lá mesmo assim, sozinha no Bronze Gear, o bar mais agitado de Washington, bebendo minha vodca soda absurdamente cara depois de me deixarem plantada.

É isso aí.

Era a primeira vez que me davam um bolo, e o cara era um Todd que segurava um peixe. Isso era o que bastava para uma garota ligar o “foda-se” e gastar dezesseis dólares em um drinque, mesmo que nem tivesse um salário de verdade ainda.

Qual era o lance desses caras que tiravam fotos segurando peixe? Será que não conseguiam pensar em nada mais criativo, tipo mergulhar em uma gaiola no meio de tubarões? Ainda estava dentro do tema de animais marinhos, mas era menos comum.

Talvez o peixe fosse um detalhe estranho ao qual me apegar, mas pelo menos me impedia de pensar em como o dia havia sido horrível e no constrangimento que deixava minha pele quente e suada.

Ser surpreendida por um temporal repentino na metade do caminho para o campus, sem nenhum guarda-chuva à vista? Feito. (Cinco por cento de chuva? Meu rabo. Eu devia processar a empresa do app de meteorologia.)

Ficar presa em um vagão lotado e fedido do metrô por quarenta minutos devido a uma falha elétrica? Feito.

Passar três horas à procura de um apartamento e acabar com bolhas nos pés e sem nenhuma perspectiva? Feito.

Depois de um dia tão infernal, quis cancelar o encontro com Todd, mas já havia adiado duas vezes – uma vez porque tinham mudado a data da reunião

do grupo de estudo e a outra porque não estava me sentindo muito bem –, e não queria passar a impressão de estar enrolando. Então respirei fundo e apareci, só para levar um bolo.

O universo tinha um senso de humor de merda.

Terminei minha bebida e chamei o garçom.

— Pode trazer a conta, por favor?

Era fim de tarde, o happy hour estava só começando, mas eu só queria ir para casa e ficar lá com os dois amores verdadeiros da minha vida: Netflix e Ben & Jerry's nunca tinham me decepcionado.

— Já foi paga.

Quando levantei as sobrancelhas, o garçom acenou com a cabeça em direção a uma mesa em um canto. Um grupo de rapazes de vinte e poucos anos com cara de universitários. Consultores, provavelmente, pelas roupas que vestiam. Um deles, que tinha cara de Clark Kent e vestia uma camisa xadrez, levantou o copo e sorriu para mim.

— Cortesia de Clark, o consultor — disse o garçom.

Segurei a risada, levantei o copo e sorri para ele. Então eu não era a única que achava o moço parecido com o alterego do Super-Homem.

— Então Clark, o consultor, me salvou de comer macarrão instantâneo no jantar, um brinde a ele — respondi.

Eram dezesseis dólares que continuariam na minha conta, apesar de eu ter deixado gorjeta. Já trabalhei no ramo de alimentação, então desenvolvi uma obsessão por gorjetas generosas. Ninguém tinha que aturar mais babacas regularmente do que os prestadores desse tipo de serviço.

Terminei o drinque gratuito e continuei olhando para Clark, o consultor, que analisava com satisfação meu rosto, meu cabelo e meu corpo.

Eu não acreditava em falsa humildade – sabia que era bonita. E sabia que, se fosse até aquela mesa, poderia massagear meu ego ferido com mais drinques, elogios e talvez um ou dois orgasmos mais tarde, se ele soubesse o que fazer.

Tentador... mas não. Estava exausta demais para executar toda essa coreografia de sedução.

Desviei o olhar, mas não antes de ver a decepção no rosto dele. Precisei reconhecer que, Clark, o consultor, soube interpretar o recado – *Obrigada*

pelo drinque, mas não estou a fim de continuar com esse lance – e não tentou me abordar, o que era mais do que eu podia dizer sobre a maioria dos homens.

Pendurei a bolsa no ombro e já estava estendendo a mão para pegar o casaco do gancho sob o balcão quando uma voz rouca, arrogante e lenta arrepiou todos os cabelos na minha nuca.

— Oi, JR.

Duas palavras. Foi o necessário para desencadear uma reação de fugir ou lutar em mim. Honestamente, àquela altura, era uma reação pavloviana. Quando eu ouvia a voz dele, minha pressão subia.

Toda vez.

E o dia só vai ficando melhor.

Meus dedos apertaram a alça da bolsa antes de eu me obrigar a relaxar. Não daria a ele a satisfação de provocar em mim qualquer reação visível.

Foquei nisso, respirei fundo, assumi uma expressão neutra e, lentamente, me virei, até dar de cara com a imagem mais indesejada do mundo, acompanhada do som mais indesejado do mundo.

Josh Chen, porra.

Um metro e oitenta e três de altura, jeans escuro e camisa branca que realçava os músculos. Sem dúvida, era essa a intenção. Ele devia passar mais tempo que eu cuidando da aparência, e olha que eu não era exatamente descuidada. Deviam usar uma foto dele no dicionário para ilustrar o vernáculo “ vaidade”.

A pior parte era que, tecnicamente, Josh era bonito. Cabelo escuro e denso, maçãs do rosto altas, corpo esculpido. Tudo de que eu gostava... se não estivesse associado a um ego grande o bastante para precisar de um CEP.

— Oi, Joshy — cumprimentei, sabendo o quanto ele odiava o apelido.

Podia agradecer à Ava, minha melhor amiga e irmã dele, pela informação valiosa.

Vi a irritação nos olhos dele e sorri. O dia já parecia um pouco melhor.

Para ser justa, foi Josh quem insistiu em me chamar de JR primeiro. Eram as iniciais de Jessica Rabbit, a personagem do desenho animado. Algumas pessoas podiam interpretar como um elogio, mas quando se é ruiva e peituda, a comparação constante perde a graça rapidinho, e ele sabia disso.

— Bebendo sozinha? — Josh olhou para os bancos vazios ao meu redor. O happy hour ainda não tinha chegado ao ápice, e os assentos mais ocupados

eram os bancos das mesas encostadas às paredes, não os que ficavam junto do balcão. — Ou já assustou todo mundo em um raio de cinco metros?

— Engraçado que tenha mencionado essa coisa de assustar pessoas. — Olhei para a mulher em pé ao lado dele. Era bonita, com cabelo castanho e ondulado, olhos castanhos e um corpo esguio envolto em um vestido incrível e justo com estampas geométricas. Pena o bom gosto não se estender aos homens, ou ela não estaria com ele. — Estou vendo que se recuperou do último episódio de sífilis e já está colocando em risco outra mulher desavisada. — Olhei para a morena. — Não conheço você, mas sei que é capaz de arrumar coisa melhor. Pode confiar.

Josh realmente tinha tido sífilis? Talvez. Talvez não. Dormia com tanta gente que eu não me surpreenderia com isso, e não estaria cumprindo o código da sororidade se não prevenisse a Vestido Justo sobre a possibilidade de contrair uma IST.

Em vez de ficar chocada, ela riu.

— Obrigada pelo aviso, mas acho que não corro esse risco.

— Fazendo piada com IST, que original. — Se Josh estava incomodado por eu tê-lo ofendido na frente da garota, não demonstrava. — Espero que sua argumentação verbal seja mais criativa, ou vai ter muita dificuldade no mundo jurídico. Presumindo que passe no exame da ordem, é claro.

Ele sorriu, revelando uma covinha do lado esquerdo do rosto.

Engoli um rosnado. *Odiava* aquela covinha. Cada vez que aquilo aparecia, debochava de mim, e minha vontade era furá-la com uma faca.

— Vou passar — respondi com frieza, contendo os pensamentos violentos. Josh sempre pensou o pior de mim. — Melhor torcer para não ser processado por imperícia médica, Joshy, ou vou ser a primeira a oferecer meus serviços à parte contrária.

Eu havia me matado para conquistar um lugar na Thayer Law e uma proposta de emprego da Silver & Klein, a renomada firma de advocacia onde havia estagiado durante o verão. Não deixaria o sonho de ser advogada escapar por entre os dedos, agora que estava tão perto.

De jeito nenhum.

Seria aprovada no exame da ordem, e Josh Chen engoliria o que havia acabado de dizer. Com sorte, sufocaria com cada palavra.

— Você fala demais para alguém que ainda nem se formou. — Josh se apoiou no balcão e pôs um braço sobre a superfície, e me irritei ao ver que ele parecia um modelo posando para uma foto de página dupla na GQ. Ele mudou de assunto antes que eu respondesse. — Caprichou bastante, para quem ia sair sozinha.

Os olhos dele passaram do meu cabelo ondulado para o rosto maquiado e, então, descansaram no pingente de ouro que repousava acima dos seios.

Meus músculos se contraíram. Diferente de Clark, o consultor, Josh me incendiava com aquele olhar quente e debochado. O metal no meu pescoço queimava a pele, e tive que me controlar para não o arrancar e jogar na cara do arrogante.

Mas, por alguma razão, continuei parada enquanto ele seguia com a avaliação. Era menos lascivo do que crítico, como se estivesse reunindo todas as peças de um quebra-cabeça e as encaixando até formar uma imagem completa.

Os olhos de Josh desceram para o vestido de cashmere verde que envolvia meu tronco, passaram pelas pernas com as meias pretas e pararam nos sapatos pretos de salto antes de voltarem aos meus olhos cor de avelã. O deboche desapareceu, deixando, no lugar, uma expressão ilegível.

Um silêncio carregado vibrou entre nós, e então ele voltou a falar.

— Está vestida para um encontro de verdade. — A atitude permanecia casual, mas os olhos se transformaram em estiletes escuros tentando abrir caminho pelo meu constrangimento. — Mas estava de saída, e são só cinco e meia.

Ergui o queixo, apesar de sentir a vergonha esquentar minha pele. Josh era muitas coisas – irritante, arrogante, o próprio filho de Satã –, mas não era burro, e ele era a última pessoa que eu queria que soubesse que eu havia levado um bolo.

Eu morreria se ele descobrisse.

— Não vai me dizer que ele não apareceu. — Havia uma nota estranha na voz de Josh.

O calor ficou mais intenso. Meu Deus, eu não devia ter vestido cashmere. Estava torrando na porcaria do vestido.

— Devia se preocupar menos com a minha vida amorosa e mais com a sua companhia.

Josh não havia olhado para a Vestido Justo desde que aparecera, mas ela não parecia ter se incomodado. Estava ocupada fofocando e rindo com a bartender.

— Pode ter certeza de que, na minha lista de tarefas, sua vida amorosa não está nem entre os primeiros cinco mil itens dignos de preocupação.

Apesar da ironia, Josh continuava olhando para mim com aquela expressão indecifrável.

Meu estômago revirou sem motivo algum.

— Ótimo.

Foi uma resposta boba, mas meu cérebro não estava funcionando direito. Decidi que era culpa da exaustão. Ou do álcool. Ou de um milhão de outras coisas que não tinham nenhuma relação com o homem parado na minha frente.

Peguei o casaco e escorreguei da banqueteta, decidida a passar por ele sem dizer nem mais uma palavra.

Infelizmente, calculei mal a distância entre o apoio para pés da banqueteta e o chão. Meu pé escorregou, e deixei escapar um gritinho quando meu corpo se projetou para trás. Estava a dois segundos de cair de bunda quando uma mão agarrou meu pulso, me puxou de volta e me devolveu à banqueteta.

Josh e eu paramos ao mesmo tempo, ambos olhando para a mão dele no meu braço. Eu não conseguia me lembrar da última vez em que havíamos nos tocado voluntariamente. Talvez três verões antes, quando ele me jogara vestida na piscina durante uma festa, e eu havia retaliado dando uma cotovelada “acidental” na sua área mais sensível.

A lembrança dele se dobrando de dor ainda é fonte de muito conforto em momentos difíceis, mas eu não estava pensando nisso naquele momento.

Em vez disso, me concentrei na proximidade perturbadora entre nós, suficiente para eu sentir o perfume dele, que era gostoso e cítrico, diferente das notas de fogo e enxofre que eu esperava.

A adrenalina do quase tombo ainda corria nas minhas veias, acelerando minha pulsação de um jeito nada saudável.

— Pode me soltar. — Tentei respirar normalmente, apesar do calor sufocante. — Antes que o contato me dê urticária.

Josh me apertou por uma fração de segundo, depois soltou meu braço como se fosse uma batata quente. A irritação banuiu a expressão ilegível de antes.

— Não precisa me agradecer por eu ter salvado você de uma fratura de cóccix, JR.

— Não seja dramático, *Joshy*. Eu teria me equilibrado.

— É claro. Deus não permita que a palavra “obrigada” saia de sua boca. — O sarcasmo ganhou profundidade. — Você é um tremendo pé no saco, sabia?

— É melhor que ser um babaca, ponto-final.

Todo mundo olhava para Josh e via um médico bonito, charmoso. Eu olhava para ele e via um cretino crítico e prepotente.

Você pode fazer outras amizades, Ava. Ela não é boa companhia. Você não precisa de alguém como ela na sua vida.

Meu rosto esquentou. Já fazia anos que eu ouvira Josh falando com Ava sobre mim, logo no início da nossa amizade, e a lembrança ainda era dolorosa. Nunca contei a nenhum dos dois que havia escutado essa conversa. Só serviria para fazer Ava se sentir mal, e Josh não merecia saber quanto as palavras dele tinham me ferido.

Ele não foi a primeira pessoa a pensar que eu não era boa o bastante, mas foi o primeiro a tentar destruir uma das minhas amizades por causa disso.

Forcei um sorriso seco.

— Com licença, mas já excedi o limite diário da minha tolerância a sua presença. — Vesti o casaco, calcei as luvas e ajeitei a bolsa. — Mande minhas condolências a sua acompanhante.

Antes que Josh pudesse responder, passei por ele e acelerei o passo até encontrar o ar frio de março do lado de fora. Só então me permiti relaxar, embora o coração seguisse batendo em um ritmo frenético.

De todas as pessoas que eu poderia ter encontrado em um bar, tive que tropeçar em *Josh Chen*. Será que dava para aquele dia piorar?

Eu já conseguia até imaginar todas as piadinhas que ele faria na próxima vez que me visse.

Lembra quando ficou plantada, JR?

Lembra quando passou uma hora sentada sozinha em um bar feito uma fracassada?

Lembra quando se arrumou toda e usou o restinho da sua sombra favorita para um cara chamado Todd?

Tudo bem, ele não tinha essas duas últimas informações, mas eu não duvidava de que desse um jeito de consegui-las.

Pus as mãos nos bolsos e virei a esquina, ansiosa para colocar a maior distância possível entre mim e o filho de Satã.

O Bronze Gear ficava em uma rua movimentada de restaurantes, onde a música pairava no ar e gente transbordava para as calçadas mesmo no inverno. A rua que eu percorria naquele momento, embora a apenas um quarteirão de lá, era quieta a ponto de ser sinistra. Lojas fechadas se enfileiravam dos dois lados, e ramos secos brotavam das rachaduras do calçamento. O sol ainda não havia se posto, mas as sombras alongadas conferiam um ar pouco convidativo ao ambiente.

Embora estivesse distraída pelo encontro com Josh e com as dezenas de coisas na minha lista de afazeres, apressei o passo por instinto. Quando ficava sozinha, minha cabeça era tomada por preocupações e tarefas, que clamavam por atenção como crianças chamando os pais.

Formatura, estudar para o exame da ordem, acabar com Todd por mensagem (não, não valia a pena), continuar procurando apartamento, a festa surpresa para o aniversário de Ava no fim de semana...

Espera um minuto.

Aniversário. Março.

Parei de repente.

Ai meu Deus.

Além de Ava, eu conhecia mais alguém que fazia aniversário no início de março, mas...

Peguei o celular do bolso com mão trêmula e senti um aperto no peito quando vi a data na tela. Dia 2 de março.

O aniversário dela era naquele dia. Eu havia esquecido completamente.

A culpa me invadiu, e pensei, como fazia todo ano, se devia ligar para ela. Nunca ligava, mas... *esse ano podia ser diferente.*

Eu também dizia isso a mim mesma todos os anos.

Não devia sentir culpa. Ela também nunca telefonava no dia do meu aniversário. Nem no Natal. Nem em qualquer outra data. Eu não via nem falava com Adeline havia sete anos.

Liga. Não liga. Liga. Não liga.

Mordi a boca.

Era o aniversário de quarenta e cinco anos dela. Importante, não? O suficiente para merecer um “feliz aniversário” da filha... isso se ela se importasse com qualquer coisa que recebesse de mim.

Estava tão ocupada discutindo comigo mesma que não percebi que alguém se aproximava até sentir o cano duro de uma arma nas minhas costas e ouvir a voz ríspida ordenar:

— Passa o celular e a carteira. Agora.

Senti o coração palpitar e quase derrubei o telefone. A incredulidade transformou minhas pernas em pedra.

Só pode ser brincadeira.

Nunca pergunte coisas para o universo sobre as quais você não quer respostas, porque, no fim, o dia podia, sim, piorar para cacete.

